

POLÍTICA

HAROLDO HOLLANDA

Tempo quente no Senado

Anteontem pela manhã, no café do Senado, numa cena que foi acompanhada de perto por vários senadores, só faltou sair faísca numa discussão entre os senadores Ronan Tito e Pedro Simon. Tudo começou quando Ronan disse a seu colega que ele não podia ser eleito presidente do PMDB, porque, sendo atualmente líder do Governo, sua ascensão àquele posto iria comprometer a imagem do partido, vinculando-a aos desgastes e ônus que pesam sobre o Governo. Ronan, dono de temperamento arrebatado, daí passou a agredir o Governo, chamando-o de "moleque". Recordou o esforço que fez, junto com Fernando Henrique, ao tempo em que ele ainda estava no Senado, para dar impulso à CPI que investigava a evasão fiscal. Embora seja empresário e tenha sido presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais, numa visita que fez à Fiesp não poupou de críticas os empresários que sonegam o fisco, dizendo ser preciso pôr na cadeia os infratores.

Atribuiu Ronan ao esforço desenvolvido naquela CPI a melhoria observada nos últimos meses pela arrecadação da Receita Federal. Como exemplo ci-

tou o fato de que houve um aumento real de 30% na arrecadação. Declarou a Pedro Simon que todo esse esforço foi em vão, porque o Governo permitiu um aumento do funcionalismo, que anulou o crescimento da receita, na medida em que provocou uma elevação real nas despesas do erário de 45%. Segundo Ronan, com esse tipo de contraditória conduta é impossível combater a inflação. Observou que a situação teria se tornado ainda mais grave, se não houvesse sido vetado pelo Presidente da República o reajuste pleno dos salários aprovado pela Câmara. Lamentou apenas que o veto tenha demorado tanto, o que, na sua opinião acabou provocando um reajuste geral de preços. Ronan acusou o presidente do Banco do Brasil de ter autorizado a criação, junto a todas as diretorias daquela instituição, de assessores sindicais, o que, na sua visão constituiu grave precedente. Isso no momento em que se denuncia a existência da organização e funcionamento, dentro do governo, de uma rede, de informações, montada pelo PT. Tal fato, segundo o senador, é "característica dos partidos totalitários, que tentam, pelo poder da informação, criar um clima político de terror".